



Ano I Nº 284
11 de Junho de 2008
Índice

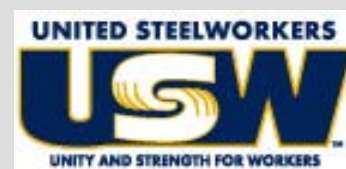
Fusões Sindicais	01
Trabalhadores da GM protestam em Oshawa	02
CNM/CUT envia carta de solidariedade ao Canadá	02
Trabalhadores na VW realizam encontro	03
Karmann GmbH vai à venda na Alemanha?	03
Unasul e a visão brasileira	04

INTERNACIONAL

Fusões Sindicais

O Sindicato dos Trabalhadores Siderúrgicos (USW), dos Estados Unidos, com um milhão de afiliados, e a Unite the Union, a maior federação sindical da Grã-Bretanha, com mais de dois milhões de associados, vão anunciar no próximo mês a sua fusão. Será a primeira criação de um sindicato transatlântico de trabalhadores. O novo sindicato reunirá mais de três milhões de trabalhadores da indústria, do transporte, da energia e do setor estatal britânico e norte-americano, com ramificações na Irlanda, no Caribe e no Canadá.

A intenção é aumentar a capacidade de pressão para impedir a perda de empregos, ameaçados pela globalização econômica, bem como a sua transferência para países onde se pagam salários mais baixos e onde os trabalhadores têm menos proteção. Um reconhecimento de que a atividade sindical também deve ser global, não apenas a atividade empresarial. Precisamos de um sindicato global para negociar eficazmente e de igual para igual com as muitas empresas globais onde trabalham muitos dos nossos filiados", disse Derek Simpson, secretário geral adjunto da Unite, entrevistado por uma emissora de rádio dos Estados Unidos.



Paul Howes, secretário nacional do Sindicato de Trabalhadores Australianos (AWU), o participou das conversações pela fusão, cujo processo formal pode demorar uma década, segundo disse o dirigente ao jornal The Sydney Morning Herald. Enquanto isso, a AWU vai buscar alianças estratégicas, acrescentou.

Um exemplo recente disso vem do United Auto Workers (UAW), o sindicato dos trabalhadores automotivos dos Estados Unidos, e da Federação dos Metalúrgicos da França (FTM-CGT), que representa os trabalhadores dos muitos setores franceses do metal. Eles estão desenvolvendo uma estratégia para enfrentar as empresas comuns, que atuam tanto na França quanto nos EUA. Eles vão trocar informações e se apoiar mutuamente.

Abid Aslam, em matéria para o Inter Press Service, aponta como exemplo dessa globalização sindical a iniciativa da CNM/CUT e dos sindicatos USW, AWU, do Amicus (hoje integrante da UNITE) e dos MU da África do Sul para criar uma rede de trabalhadores na Alcoa, terceira produtora mundial de alumínio, com sede nos Estados Unidos.

"As companhias multinacionais pressionam os salários e as condições de trabalho para baixo, ao enfrentar os trabalhadores de um país com os do outro", disse no ano passado Simpson, então secretário-geral da Amicus antes da criação da Unite. "Os únicos beneficiários da globalização são os exploradores dos trabalhadores. A única maneira de resistirmos a isso é a união". (O texto de Abid Aslam pode ser encontrado no **Inter Press Service** .

Trabalhadores da GM protestam em Oshawa

Centenas de membros do CAW e integrantes da comunidade protestaram diante da sede da GM em Oshawa no último Domingo, dia 08, em apoio a luta sindical contra o fechamento da fábrica local.

Os manifestantes juntaram-se ao bloqueio que o sindicato está fazendo diante da empresa desde que a GM anunciou o fechamento da planta em 2009. O anúncio foi considerado uma grande traição porque veio duas semanas depois que o sindicato negociou com a empresa compromissos sobre a produção e o emprego na fábrica.

Buzz Hargrove, presidente nacional do CAW classificou o anúncio da GM um "ato desprezível" que sabota todo o processo de negociação coletiva. "Em todos os meus anos de negociação e nunca vi alguma coisa assim acontecer", ele disse. "A General Motors não tinha o direito de fazer isso".

Hargrove responsabilizou as perdas de emprego atuais no setor automobilístico à inanição do governo em tratar de questões como a alta do dólar [canadense], aos preços astronômicos do petróleo e ao comércio desleal.

Para Hargrove é necessário que o Congresso do Canadá recrie algo como North American AutoPact que previa que cada veículo importado para o país era acompanhado de um valor igual em investimento. O pacto foi derrubado pela OMC em 2001. (CAW, 09.06.2008)

CNM/CUT envia carta de solidariedade

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos enviou carta aos companheiros do Canadian Auto Workers (CAW), em Oshawa, demonstrando apoio dos metalúrgicos brasileiros contra demissões na montadora



A direção da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) enviou nesta segunda-feira (9), carta de solidariedade em apoio aos trabalhadores e trabalhadoras metalúrgicos da GM, na cidade de Oshawa, no Canadá.

No texto, a CNM/CUT demonstra apoio total aos companheiros na América do Norte e aconselha os trabalhadores brasileiros a não realizar produção extra para suprir perdas da companhia, devido a greve dos trabalhadores canadenses contra demissões na planta local da montadora. (Valter Bittencourt - CNM/CUT)

Companheiros e companheiras da CAW na GM Oshawa

A GM está seguindo os passos de muitas outras corporações, ao pressionar os trabalhadores, culpando os empregos de qualidade por dificuldades momentâneas. Nós, metalúrgicos e líderes sindicais na CNM/CUT apoiamos integralmente a luta de vocês.

Este comportamento da GM coloca em perigo não só milhares de trabalhadores, como também suas famílias e conseqüentemente a comunidade em que vivem. Temos que estar conscientes é que esta parada em Oshawa é só a ponta do iceberg. Muitas outras plantas no mundo também estão em perigo agora.

Além disso, informaremos a todos os trabalhadores da GM no Brasil e recomendaremos a eles não realizar qualquer tipo de produção adicional de partes que poderiam substituir uma eventual perda de produção devido a paralisação de vocês.

Podem contar com o apoio dos metalúrgicos brasileiros! Vossa luta é a nossa luta!

Em solidariedade,
Carlos Alberto Grana - Presidente CNM/CUT
Valter Sanches - Secretário-geral CNM/CUT

Trabalhadores na VW do Brasil e Espanha realizam encontro

Os Trabalhadores nas filiais brasileiras e espanholas da Volkswagen se reuniram nos dias 09 e 10 de junho em Barcelona para debater estratégias sindicais diante da implantação de um novo sistema de gestão e organização da produção por parte da multinacional alemã em todas as suas plantas espalhadas pelo mundo.

Durante os dois dias os Trabalhadores brasileiros e espanhóis intercambiaram experiências e informações e constataram que as políticas adotadas pela VW no Brasil e na Espanha são exatamente as mesmas.

Debateu-se com profundidade o Sistema VW de Produção, como os chamados Tactos* podem mudar as condições de trabalho, aumentar a produtividade e lucratividade da empresa, assim como quais serão as consequências da implantação deste sistema para os Trabalhadores.



Os companheiros Piu-piu e Nilson (Taubaté), Alemão e Bigodinho (ABC), Claudinei (São Carlos) e Marcão (Curitiba) expuseram aos participantes como os Trabalhadores na VW no Brasil se organizam e quais métodos podemos usar em na luta conjunta, despertando a atenção e o interesse dos companheiros espanhóis que tem uma prática muito parecida como a brasileira, mas nunca tiveram oportunidade de participar de um intercâmbio desta magnitude.

Já no primeiro dia de debates, as delegações chegaram a conclusão de que sem uma articulação internacional dos Trabalhadores na VW, não haverá avanços na luta sindical nem consolidação de conquistas.

O encontro foi organizado pela TIE-Brasil e TIE-Iberico em colaboração com o Comitê Nacional dos Trabalhadores na VW do Brasil. As atividades de intercâmbio e troca de experiências vão até o dia 13 de junho de 2008 e incluem a visita na Fábrica da SEAT, às sedes dos sindicatos e reuniões com sindicalistas e ativistas de base.

*Tacto é uma limitação do espaço físico destinado a realização de determinadas operações de montagem que visa limitar o deslocamento dos Trabalhadores durante o processo produtivo e aumentar sua produtividade. (Comitê Nacional dos Trabalhadores na VW, 10.06.2008)

Karmann GmbH vai à venda na Alemanha?

A família proprietária da centenária empresa de autopeças Karmann está considerando a sua venda devido aos problemas financeiros que está enfrentando. Foi o que informou um porta-voz da empresa ao diário financeiro Handelsblatt. "A família está considerando todas as opções", ele disse.

Heinz Pfeffer, membro integrante do Conselho Administrativo, onde representa os trabalhadores e o IG Metall, disse desconhecer essa situação, mas acrescentou "se um investidor garantisse o futuro da companhia nós não seríamos contra em principio". A empresa tem perdidos encomendas da Renault, Volkswagen e Mercedes e anunciou em outubro passado uma reestruturação que incluía um corte de 1.700 empregos.

Em 2007 a empresa empregou cerca de 7 mil trabalhadores (5 mil na Alemanha). No Brasil a Karmann-Ghia do Brasil Ltda. foi fundada em 1960 em São Bernardo do Campo e produzia carrocerias para o Karmann-Ghia 143 Coupe em cima de uma plataforma da Volkswagen. Hoje ela fornece serviços automotivos nas áreas de ferramentaria, estamparia e montagem de veículos. Desde 1998 ela monta o Land Rover Defender. Ela tem cerca de 500 operários.

Unasul e a visão brasileira

A União Sul-Americana de Nações (Unasul) tornou-se efetiva sob a convicção brasileira de que a América do Sul tem estofo suficiente para mudar o "tabuleiro do poder" mundial. Essa aposta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, expressa em seu discurso na abertura da reunião extraordinária de cúpula da Unasul, esfarelou em três vertentes. O lançamento do Conselho Sul-Americano de Defesa, o pilar da Unasul para a segurança regional, foi adiado por novas resistências e cautelas que se somaram às da Colômbia, que exigiu a classificação das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) como grupo terrorista.

O uso do encontro de Brasília para apaziguar definitivamente a crise na vizinhança igualmente fracassou, diante de novos ataques do presidente do Equador, Rafael Correa, à Colômbia. A terceira vertente foi a constatação de que não haverá recursos financeiros para alavancar a integração sul-americana - tema para o qual o próprio Lula chamou a atenção.

O petista referiu-se à Unasul como um "pesado fardo" ao citar a passagem da presidência temporária da Bolívia para o Chile. "Uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo. Não em benefício de um ou outro de nossos países, mas em benefício de todos", afirmou o presidente brasileiro, em seu discurso. "Estamos deixando para trás uma longa história de indiferença e isolamento recíproco. Nossa América do Sul não será mais um mero conceito geográfico."

A rigor, a reunião de Brasília cumpriu seu objetivo central - a assinatura do tratado constitutivo da Unasul, que dará as bases jurídicas para a ação desse novo organismo regional.

Entusiasmado, Lula enumerou as vantagens comparativas da América do Sul. No plano econômico, destacou que a região tornou-se "um dos principais pontos de atração de investimentos no mundo", graças à fase de crescimento com redução da desigualdade social. No plano político, citou o fato de todos os líderes sul-americanos terem sido eleitos em "pleitos democráticos e com ampla participação popular".

"A América do Sul é, hoje, uma região de paz, onde floresce a democracia", resumiu.

"Esses progressos nos campos econômico e sócio-político nos conferem crescente projeção no novo mundo multipolar que se está constituindo."

Ciente das oposições da Venezuela, Bolívia e Equador, Lula esquivou-se de defender a ampliação da produção e do uso dos biocombustíveis em seu discurso. Preferiu abordar o tema indiretamente. "Nossa região torna-se um interlocutor cada vez mais indispensável à medida que o mundo se vê diante da necessidade de compatibilizar segurança alimentar, suprimento energético e preservação do meio ambiente", declarou. "Quando a escassez de alimentos ameaça a paz social em muitas partes do mundo, é em nossa região que muitos vêm buscar respostas."

O encontro não chegou a ser plenamente contaminado pelas provas reunidas pelos investigadores da Interpol da colaboração dos governos da Venezuela e do Equador com as Farc. Mas o imbróglio espirrou na resistência pétrea do presidente colombiano, Álvaro Uribe, em somar-se ao Conselho Sul-Americano de Defesa - um projeto caro a Lula, que havia designado o ministro da Defesa, Nelson Jobim, para costurá-lo. Uribe exigiu a qualificação das Farc como grupo terrorista. *(O Estado de São Paulo, 24.05.2008)*

Mais informações sobre a *União de Nações Sul Americanas* você encontrará no *Correio Sindical Latinoamericano Boletim Temático Ano III n.02-junho- 2008 - UNASUL: o que é? como funciona? quais os principais desafios*. **Baixe o arquivo aqui.**